

TRAVESSURAS NA VERDADE TACITURNAS

1

Um quarto de dormir com decoração contemporânea. Maximilian andando a esmo agitado. Yeong-ja sentada na borda da cama cabisbaixa. Uma janela comprida e com a cortina fechada.

MAXIMILIAN (*exaltado*) – Rabs! (*Para em frente a Yeong-Ja e levanta o queixo dela com a mão. Tentando se acalmar.*) Eu já te falei mil vezes que se for pra sair daqui, do conforto do lar, pra comprar pão que seja num outro lugar. Essa tal... Frau *Bolte* é uma xenófoba! (*Acelerado.*) E ela não pode te chamar de estrangeira: tu não tem uma barba comprida, não sai berrando pela rua falando pelo celular numa língua estranha e muito menos se enrola dos pés à cabeça nesses panos pretos esquisitos. (*Vai até o espelho e dá o nó na gravata. Mais contido.*) Eu te perguntava o tempo todo se tu queria mesmo vir pra Viena comigo, um outro país, do outro lado do mundo, gelado no inverno, sem o bap e o kimchi da tua mãe e longe do mar. Tu dizia que achava natural uma esposa acompanhar o marido. (*Curta pausa.*) Na verdade eu também acho e acho bom tu também achar. O teu natural é o meu normal. Me tranquiliza. (*Pega a maleta, apressado.*) Presta atenção, eu pedi pro Mo cuid...pra ele te ajudar no que for preciso. Pode contar com ele. Talvez não seja a pessoa mais indicada com aquele jeito de intelectual metido, seria melhor alguém mais prático, uma outra mulher como tu, os assuntos são os mesmos, se entendem melhor, mas é o meu irmão, e família é tudo. (*Indo até Yeong-Ja.*) E tua mãe não conta. (*Ergue ela e dá um beijo rápido na face dela. Olhando para ela.*) Rickeracke, rickeracke, eu não sei quando eu volto, mas tu vai ficar bem sem mim. Afinal de contas Yeong-Ja é uma menina corajosa, não é mesmo?

2

Uma sala de estar de um apartamento antigo com decoração sofisticada. Apêndice sentada num sofá folheia impaciente uma revista de fofocas. Yeong-Ja sentada numa bergère observa Apêndice. Ariadne sentada numa cadeira de madeira, próxima à Yeong-Ja, olha para fora da janela com o olhar perdido.

ARIADNE (*para Yeong-Ja quase sussurrando*) – Eu vou ao banheiro. Já volto. (*Sai.*)

(*Apêndice larga a revista na mesa de centro e olha para Yeong-Ja.*)

APÊNDICE – Precisa anunciar que está indo ao banheiro? Esse seu marido me chama de apêndice. Apêndice! (*Olha para a janela.*) Como se todo mundo não fosse apêndice de alguém! (*Para Yeong-ja.*) Eu sempre falei pra você ter cuidado com estes ocidentais, estrangeiros, como quiser chamar essa gente diferente de nós, e você insistia em frequentar os mesmos lugares que eles, os bares, as festas, as vernissages. E acabou dando nisso. Casada com um deles. E ainda por cima com um diplomata que não te dá outra opção senão ir atrás dele pra onde ele for.

YEONG-JA – Eu não me arrependo da mi...

APÊNDICE (*Para Yeong-ja*) – Refém de um deles! Sim, porque desde que eu cheguei eu não vi você sair deste apartamento por um minuto, só mesmo pra comprar esse pão duro deles. Até no mercado quem vai é a empregada. (*Examinando a sala com um olhar condenatório.*) Lugar velho. Frio. Uma prisão.

YEONG-JA (*fazendo menção de se levantar*) – Se está frio eu posso ir busc...

APÊNDICE (*indica com a palma da mão para Yeong-Ja permanecer sentada*) – Eu aguento. E se precisar, pedimos pra essa imigrante que trabalha aqui e que não fala um pingão dessa língua

deles, ao contrário dessa sua amiga aí, trazer um casaco. *(Indo até a janela.)* Como permitem ficar uma gente que nem se comunicar direito consegue? Na Coreia não existe esse tipo de coisa.

ARIADNE *(voltando, sentando-se na cadeira de madeira e olhando para Yeong-Ja)* – Que tipo de coisa?

(Apêndice se vira e lança um olhar de reprovação para Ariadne.)

YEONG-JA *(tentando controlar o riso com a mão)* – Mãe, na Coreia apenas dois por cento da população é de imigrantes, aqui na Áustria...

APÊNDICE – Não me interessa esse país de merda. Eu não quero mais ter que comer salsicha todo dia, eu preciso de carne. De comida com gosto. Eu preciso da maresia. Ou de ver um templo budista quando estou no banco de trás do seu carro, que não é *(de forma arrastada e irritada)* nem um Hyundai e nem um Kia.

YEONG-JA – Na Áust...

APÊNDICE *(com autoridade)* - E muito menos um SsangYong!

(Curta pausa.)

YEONG-JA – Mas a senhora é cristã.

ARIADNE – É mesmo? Olha, que curioso!

(Curta pausa. Apêndice remexe seus ombros desconfortável e tenta abrir a janela.)

ARIADNE *(um pouco constrangida)* – Desculpa, não foi um comentário irônico, foi ignorância cultural mesmo, eu achava que todo mundo na Cor...

APÊNDICE *(confusa)* – Eu quis dizer...poder ver um templo budista. Enxergar com os meus próprios olhos.

YEONG-JA *(ficando de pé)* – Quer que eu chame a Ivanka?

APÊNDICE *(forçando a janela com raiva)* – Eu não preciso de uma iugoslava para abrir uma janela.

ARIADNE – A Iugoslávia não existe mais. Ela é bósnia.

APÊNDICE *(virando-se para Ariadne e desistindo de abrir a janela. Para Yeong-Ja.)* Nossa, parece aquele seu marido falando de coisas que não me dizem respeito. Ou o idiota do irmão dele. *(Volta a forçar a janela.)* Fazem uma boa dupla, um par maldito. *(Abre a janela.)* No meu tempo de colégio era Iugoslávia e sempre será.

YEONG-JA – A senhora não disse que estava com frio?

(O celular de Yeong-Ja recebe uma mensagem. Ela verifica a mensagem.)

YEONG-JA – É o Moritz.

APÊNDICE *(com deboche)* – O seu guarda-costas?

YEONG-JA – É gentil da parte dele. Ele não tem obrigação nenhuma. Ele já tá subindo.

APÊNDICE *(saindo da sala)* - Eu vou então para o meu quarto.

YEONG-JA (*sorrindo consigo mesma*) - Quase entrando.

(*Moritz abre a porta da entrada. Apêndice para estarrecida e olha para ele. Moritz fecha a porta e guarda a chave.*)

APÊNDICE (*para Yeong-Ja*) – Mas ele tem a chave também?

YEONG-JA – Também?

MORITZ (*para Apêndice de forma cordial porém pouco entusiasmada*) – Como vai?

APÊNDICE – Sentindo falta da minha terra e estarrecida com a sua presença. (*Sai.*)

(*Moritz cumprimenta Ariadne com a cabeça e se senta numa poltrona no lado oposto de Yeong-Ja e Ariadne. Ele pega o estojo de óculos de sua bolsa, abre, pega uma flanela e limpa as lentes. Yeong-Ja observa Moritz. Ariadne observa Yeong-Ja. Moritz olha para Yeong-Ja que imediatamente desvia o olhar e reorganiza os livros e revistas sobre a mesa de centro. Moritz coloca os óculos no rosto, guarda o estojo na bolsa, se levanta, indica com o dedo que vai rapidamente ao banheiro e sai. Yeong-Ja se vira para Ariadne.*)

ARIADNE – Sua mãe é um furacão. Antes que ele volte, pra terminar aquela nossa conversa de antes...minha resposta é não. (*Curta pausa. Pensativa. Olhando fixamente nos olhos de Yeong-Já.*) Nenhum homem é nosso amigo. Consegue ser um amigo.

YEONG-JA – Nenhum? Assim? De forma definitiva?

ARIADNE - Ou amam, ou ignoram. O meio-termo, o que nós mulheres entendemos como amizade, pra eles, não existe. Ou partem pra conquista, o que inevitavelmente envolve a intimidade e o sexo, ou viram a cara, acendem um cigarro e procuram o resultado do futebol.

YEONG-JA – Então a amizade entre um homem e uma mulher é uma ilusão e ponto...

(*Moritz entra na sala.*)

YEONG-JA – ...final?

(*Moritz olha para Yeong-Ja. Ariadne vai até a janela e olha para fora. Moritz se senta na poltrona.*)

YEONG-JA (*aprumando-se na bergère, pega um livro da mesinha de centro e com um tom falsamente desinteressado*) – Eu acho que tu esqueceu esse aqui ontem.

(*Moritz se estica, verifica o livro com o olhar, volta a se recostar na poltrona.*)

YEONG-JA – O assunto parecia interessante.

MORITZ (*pegando a revista de fofocas da mesinha de centro*) – Chato. Lugar-comum. Clichê.

(*Yeong-Ja olha para Moritz. Ariadne se vira para Yeong-Ja. Yeong-Ja olha para Ariadne.*)

MORITZ – Eu meio que cansei destes temas culturais. Preciso de outros temas. Eu preciso de ar.

(*Yeong-Ja olha para baixo, morde os lábios, junta as mãos e coloca entre as pernas.*)

ARIADNE (*fazendo menção de ir embora*) – Quem sabe eu...

MORITZ – Eles parecem ser a incansável e única obsessão de um mundo pretensamente globalizado.

YEONG-JA (*para Ariadne*) – Fica.

MORITZ – Pode ficar com ele.

YEONG-JA – Com quem?

ARIADNE (*indo até Yeong-Ja*) – Vocês vão ficar bem sem mim. (*Beija a face de Yeong-Ja e sai.*)

(*Yeong-Ja olha para Moritz um pouco aflita.*)

MORITZ (*baixando a revista e olhando para Yeong-Ja por alguns segundos*) – Hoje, agora, o que me interessa é a forma...a epistemologia discursiv...

(*Curta pausa em que os dois se olham.*)

YEONG-JA – Eu não tenho com quem conversar, fora a Ivanka que tece solilóquios a respeito do preço da maçã e a minha mãe que, como diz o teu irmão, não conta. E além disso, os teus assuntos *realmente* me interessam. Não é nenhuma forma de proselitismo pessoal, não tô pedindo piedade. Tenho noção da minha condição nesse lugar, nessa cidade e nesse país. E nessa poltrona, de frente pra tua. Com uma mesa de centro nos separando. Gosto de te ouvir falar dos livros que tu leu, menos quando tu exala rancor, mais quando tu transpira deboche. Mesmo não concordando com tudo.

MORITZ – Se for uma discordância dialética, não-vingativa, como num bom ágon helênico...

YEONG-JA – Teu irmão eu vejo uma vez por semana, quem sabe duas. Uma. Ou nenhuma. Falo tudo isso pra te agradecer por estar vindo aqui todos os dias. É uma lufada de...ar.

(*Apêndice irrompe sala adentro.*)

APÊNDICE – A calefação do quarto é horrível de quente, a criada não consegue achar os temperos que eu pedi, esse céu cinzento tão longe do mar me deprime, chega, eu quero ir pra minha casa, (*irônica para Yeong-Ja*) poderia fazer a gentileza de me comprar uma passagem na internet? (*Olha para Moritz.*) Ou ainda está ocupada com a visita que ainda não foi embora?

3

O bote salva-vidas do texto dramático Auf Hoher See do polonês Slawomir Mrozek. Em torno do bote, o mar. Yeong-Ja e Moritz estão sentados num dos lados do bote, Moritz com os braços apoiados na borda do bote. Ariadne, encolhida e com frio, está sentada no lado oposto deles.

YEONG-JA (*para Moritz*) – Aqui a gente não vive ... (*para Ariadne*) a gente sobrevive.

MORITZ – Aber wehe, wehe, wehe...

YEONG-JA – E não foi a primeira vez, né?

ARIADNE – Não. Já tinha acontecido antes quando eu tinha recém chegado e tava trabalhando naquela fazenda. A dona de lá me acusou de ter sacrificado umas galinhas e até o galo dela. Falou que de onde eu vinha as pessoas matavam os bichos só por causa da religião.

YEONG-JA – Eu fico estarecida quando isso acontece...

ARIADNE – Num país desenvolvido, né?

MORITZ – IDH não contabiliza cultura.

ARIADNE (*para Yeong-Ja*) – Te dá por satisfeita que contigo é um pouco diferente.

MORITZ – Porque ela não se parece com...

YEONG-JA - ...uma estrangeira? Não é essa a opinião da Frau Bolte.

MORITZ – Pra mim tu...

(*Moritz e Yeong-Ja se encaram enquanto Ariadne fala.*)

ARIADNE – A louca veio atrás de mim com uma colher de pau enorme. (*Estremece.*) Depois quando eu vim pra Viena fui trabalhar praquela alfaiate nojento que se esfregava em mim quando a mulher não tava.

YEONG-JA (*para Ariadne*) – Era um alto com umas pernas compridas? (*Para Moritz.*) Pra ti eu...?

MORITZ (*com a mão dentro da água do mar*) – Meck, meck, meck...

ARIADNE – E agora esse professor.

YEONG-JA (*para Ariadne*) – E foi na frente da turma inteira? (*Para Moritz.*) Isso não acontece comigo porque o teu irmão me protege, não, segundo a minha mãe, ele me isola. Ele me enjaula.

MORITZ (*indo até uma borda do bote entre Yeong-Ja e Ariadne*) – Tem mandado notícias?

ARIADNE – Sim, eles fazem questão de humilhar, de tripudiar, de mostrar que são superiores.

MORITZ – O Max.

YEONG-JA (*ficando de pé*) – Moritz!

ARIADNE – E nos mandam ler coisas que não fazem o mínimo sentido.

YEONG-JA (*para Moritz*) – Eu não quero te perder...nesse balanço do mar...

(*Moritz e Ariadne olham para Yeong-Ja, que se equilibra de pé com dificuldade.*)

YEONG-JA (*indecisa*) - ...ahm...te ver cair...no meio desse mar imenso.

ARIADNE – A língua já é horrivelmente difícil e foi por isso que ele me xingou daquele jeito.

MORITZ (*sentando-se*) – Nicht allein das Abc bringt den Menschen in die Höh.

YEONG-JA – Vocês me entenderam né?

(*Moritz e Ariadne olham para Yeong-Ja. Pausa curta.*)

ARIADNE – Uma peça de teatro. Tu acredita nisso? Antiga. Velha. Da melhor tradição deles.

YEONG-JA – O Moritz entende bastante de drama. Ele podia ter te ajudado se tu tivesse pedido.

MORITZ – Nicht allein im Schreiben, Lesen, übt sich ein vernünftig Wesen e eu tô muito ocupado cuidando da minha cunhada...

ARIADNE – Sério? Eu achei que ele estudava...hum...trabalhava...

MORITZ - ...e aguentando a mãe dela, a senhora Apêndice...

ARIADNE - ...pesquisava, enfim (*rindo sem graça para Moritz*) desculpa, eu na verdade nunca soube o que que tu realmente faz.

MORITZ - ...que deveria se chamar Clichê. *(Para Ariadne.)* Nada.

(Ariadne olha sem jeito para Yeong-Ja.)

YEONG-JA *(indo se sentar perto de Ariadne e com voz apressada)* – Ele na verda...

MORITZ – Nós não fazemos nada. Pensamos a respeito de muitas coisas, usamos figuras de linguagem, interpretamos o mundo que ajudamos a destruir, desenvolvemos metáforas preciosas e para dar um exemplo civilizatório, acolhemos os que estão em sofrimento.

ARIADNE *(para Yeong-Ja)* – Ele é tão engraçado, eu ia me divertir com um cunhado assim perto de mim o tempo todo, me faz esquecer o que eu passei lá na Volkshochschule.

YEONG-JA – O tempo todo? Ele...

MORITZ – Os nossos autores dramáticos sempre gostaram de tratar a realidade com uma boa dose de sarcasmo e de deboche. Porque a realidade nem sempre foi tão perfeita como hoje parece ser e porque a sabedoria sempre é melhor transmitida se for com Vergnügen. *(Tira de dentro do bote um cachimbo comprido, de metal.)*

YEONG-JA – Não vai fumar aqui dentro né?

(Moritz olha para Ariadne com um sorriso sarcástico.)

MORITZ – Das Vergnügen. Viel Vergnügen! Aber sicher, mit Vergnügen!

(Deprilie surge de dentro do bote sendo erguida sobre uma plataforma. Os outros três acompanham a entrada dela com o olhar. Ela tem um ar superior que vai se tornando assustado quando a plataforma sobe demais. A plataforma para, se inclina e derruba Deprilie no bote.)

MORITZ *(com deboche)* – Aber das war kein Vergnügen.

DEPRILIE *(ficando de pé, limpando-se, irritada)* – Que brincadeira de mau gosto essa.

ARIADNE *(para Moritz)* – Ich vergnüge, du vergnügst, er vergnügt.

YEONG-JA *(para Ariadne)* – Mich.

DEPRILIE *(para Ariadne)* – E por que não *sie* vergnügt sich ao invés de *er*?

MORITZ *(para o público)* – Voluptas. Gaudendum! Sed certe cum voluptate.

YEONG-JA *(para Moritz)* – Amo, amas, amat.

MORITZ *(para Yeong-Ja desconcertado)* – Mas isso não é dum Volksstück. Isso é Tchekhov.

YEONG-JA – Pra mim é o que melhor se encaixa. *(Vira-se de costas para todos, apoia o queixo na borda do bote e coloca a mão contra a corrente da água do mar.)*

DEPRILIE *(veloz)* – Não tô entendendo muito do que tá acontecendo aqui entre vocês e muito menos o que que este mar imenso a se perder de vista tá fazendo em Viena. Uma cidade complexada por estar longe dele.

YEONG-JÁ – De novo essa história de mar? *(Sem entender.)* Longe de quem?

DEPRILIE *(estranhando o comportamento de Yeong-Ja)* – Dele.

YEONG-JA *(desinteressada)* – Ah.

DEPRILIE (*sentando-se espremida entre as duas. Para Ariadne*) – Eu vim correndo assim que pude. Precisamos fazer alguma coisa. A gente não pode deixar que esse tal de Krämpel...

ARIADNE – Herr Lämpel.

DEPRILIE (*gritando*) – Ah! O nome não importa. No fundo são todos iguais. Homens brancos heterossexuais. Europeus. Caucasianos. Colonizadores. Machistas e misóginos. O retrato perfeito desta sociedade patriarcal que eu, tu (*olha para Yeong-Ja*) ela (*olha para Moritz por poucos segundos e volta a olhar para Ariadne*) precisamos combater.

YEONG-JA (*para Moritz*) – Isso já não tá passando um pouco do ponto?

MORITZ – Tu sabe o que é uma Posse?

(*Curto silêncio.*)

ARIADNE (*em voz baixa para Deprilie*) – O Professor Lämpel é gay.

DEPRILIE (*se empertiga surpresa. Para o público*) – Não faz muita diferença. Continua sendo todo o resto. Porco chauvinista, canalha e abusador. Ele deve ter tentado passar a mão em ti, não tentou? Depois de ter te oprimido, ter realçado a tua condição subalterna, a testosterona tóxica deve ter falado mais alto. (*Fecha os olhos com uma expressão triunfante.*)

ARIADNE (*sem jeito*) – Deprilie...ele é gay. Ele... não tem muito interesse em ... mulheres ...

DEPRILIE (*abrindo os olhos. Decepcionada, com a voz arrastada*) – Então ele não se aproveitou da tua condição de mulher e de estrangeira?

(*Ariadne sacode a cabeça negativamente.*)

DEPRILIE – De exilada, de refugiada, de ...de...

ARIADNE – O pior foi ele ter me feito ler aquele maldito texto...

YEONG-JA (*para Deprilie*) – Um drama.

DEPRILIE (*exaltada*) – Claro que é um drama, é uma situação inaceitável, uma manifest...

YEONG-JA – Não.

DEPRILIE (*indignada*) – Como assim não? (*Rindo com deboche.*) Claro, é muito fácil pra ti que é amarela e não preta como a Ariadne dizer não. Porque uma oriental não é uma estrangeira, vem de um país rico e ainda por cima se casa com um europeu, pertence a um mundo de privilégios brancos, evita o transporte público, despreza supermercados populares, não pensa duas vezes antes de gastar mais de cem euros pra assistir uma ópera e passa o inverno em alguma estação de esqui ao lado dos barões e duques restantes desta monarquia devastada e decadente.

(*Silêncio.*)

MORITZ (*para Yeong-Ja*) – Já virou quase um consenso. Tu não é uma estrangeira.

YEONG-JA (*para Deprilie*) – O não era uma tentativa de explicar que o texto que a Ariadne teve que ler era uma peça de teatro.

(*Deprilie olha atônita para Yeong-Ja, depois para Ariadne e finalmente para Moritz.*)

YEONG-JA – Ou seja, um drama.

(Um cardume de trinta e sete tubarões passa em frente do bote, dos quais se enxerga apenas as nadadeiras pontudas. O celular de Deprilie toca, ela atende.)

DEPRILIE – Sim? *(Pausa.)* Não, eu usei a referência da primeira tradução. *(Pausa.)* Sim, eu sei que a última é mais fidedigna mas eu...*(Pausa. Sacode a cabeça impaciente.)*

ARIADNE *(em voz baixa para Moritz e Yeong-Ja)* – Ela tá muito envolvida com este tal artigo. Nem sei como arranjou tempo pra aparecer aqui hoje.

MORITZ – Ela escreve sobre o que mesmo?

ARIADNE – Ela pesquisa Wittgenstein.

YEONG-JA – Nunca li nada dele. *(Para Moritz.)* Tu já?

MORITZ – Sim. É um filósofo europeu. Tout court.

ARIADNE *(de cabeça baixa)* – Austríaco e branco.

DEPRILIE – Agora eu não posso. *(Desliga e guarda o celular.)* Eu não aguento isso. *(Para Ariadne.)* Querida, me desculpa, vou ter que resolver um probleminha, mas a gente se fala. Esses austríacos não podem continuar judiando de quem é estrangeiro e ficar denegrindo as identidades não-hegemônicas. *(Se joga no mar. Desaparece nadando.)*

YEONG-JA *(para Ariadne)* – Austríaco, branco, mas pelo menos, gay?

MORITZ *(pega um envelope de tabaco da sua roupa)* – Pelo menos? Sinnen aber schon auf Possen.

ARIADNE – Isto eu não tenho a mínima ideia, se bem que seria mais coerente... agora, por mais fascista que ele seja, acusar o Herr Krämpel de ter tentado passar a mão em mim...isso já é...

MORITZ *(enche o cachimbo com o tabaco)* – Schlichen sich die bösen Buben.

ARIADNE *(achando graça)* - ...um Vergnügen.

YEONG-JA *(para si mesma)* – Amamus, amatis, amant.

MORITZ *(acende o cachimbo com um isqueiro)* – Voluptas!

(Curta pausa.)

YEONG-JA – Amo.

4

A sala ampla do farol do texto dramático Les Chaises do romeno Eugène Ionesco. Várias cadeiras amontoadas num dos cantos da sala. Moritz está sentado numa cadeira perto de uma janela aberta. Yeong-Ja sentada numa outra próxima a Moritz.

MORITZ – E então é isso. A história termina aqui.

YEONG-JA – Meninos serão sempre meninos.

MORITZ – Pobre do tio Fritz. Nós éramos meninos maus.

YEONG-JA – Eram?

MORITZ *(sorrindo)* – Aprendeu rapidinho a brincar com as palavras.

YEONG-JA – É uma confirmação mesmo, senão eu teria dito, ‘não são mais’? (*Levanta-se e vai até o monte de cadeiras.*) O tio também não devia ser uma flor que se cheire. Ainda tô de cara com a incoerência da Deprilie. (*Para no meio do caminho, virando-se para Moritz.*) Tudo bem, ela não deixa passar. Ajudou a Ariadne a afastar o tal professor da VHS por um tempo. (*Vai até o monte de cadeiras.*) Mas com tantas opções na cartela identitária dela...

MORITZ (*levanta-se e observando algo ao longe pela janela*) – Cartela identitária?

YEONG-JA – É isso que dá ter contato com essa tal academia. Com a crítica pós-estruturalista. Com a desconstrução e o seu per...

MORITZ (*virando-se para ela e encostando-se na parede*) – ...pétuo devir. Ué, achei que o Max tinha determinado que tu não saísse de casa.

YEONG-JA – Online. Hoje muita coisa, senão quase tudo, é online.

MORITZ – Uma pena.

YEONG-JA – Também acho. (*Vai até a janela onde está Moritz.*) O contato entre os seres humanos vai desaparecendo. Tudo passa a ser virtual. E a gente se exila uns dos outros.

(*Silêncio curto.*)

MORITZ – De onde vem o Tchekhov de antes?

YEONG-JA – A Coreia não fica longe da Rússia.

MORITZ – Nem a Áustria. Leu Ostrov Sakhalin ou foi até lá pra sentir o que ele sentiu? Se tu diz ser perto...

YEONG-JA (*virando-se para Moritz*) – Tu sabe afinal qual era o texto que o professor fez ela ler?

MORITZ – Alguma Posse. (*Constrangido, vai até o monte de cadeiras.*) Hoje em dia tudo não passa de Possen. Mesmo que sem Gesang.

YEONG-JA – O Tchekhov vem de um curso que eu fiz sobre literatura russa. Drama inclusive.

MORITZ – Sem cancelamentos da ordem do dia?

YEONG-JA – A personagem que eu mais gosto de todas dele é a Vária.

MORITZ (*empurrando algumas cadeiras para o chão como se procurando alguma coisa*) – Já eu me interesso pela estrutura anti-dramática dos quatro atos. O fim que acontece no meio. As personagens não me interessam.

(*Yeong-Ja vai até Moritz e observa a derrubada das cadeiras.*)

YEONG-JA – Mas prefiro Turgenev. Sem ele a gente não teria Tchekhov e o seu drama.

MORITZ (*concentrado*) – Eu não tô achando...

YEONG-JA – Um mundo de polaridades estabelecidas e quase inquebráveis. A mulher e o homem. A serva e a patroa. A velha e a jovem. Os que são do lugar e os que são de fora. Os que vêm e vão e os que sempre ficam.

(*Moritz escala as cadeiras que ainda estão amontoadas.*)

YEONG-JA – Eu sempre fico. Natalia Petrovna também ficou.

(Cinquenta e cinco besouros passam voando e saem pela janela aberta.)

YEONG-JA – Já me rebaixei demais. Detesto drama. Fiz esses cursos todos só pra ter algum assunto que te interessasse e assim poder ganhar a tua atenção. Essa discussão toda sobre ser estrangeira ou não só me cansa. Ouvir as tuas traquinices e diabruras de infância foi o jeito que encontrei pra poder te olhar de mais perto. Sou apenas um ser humano que precisa de um outro ser humano.

(Moritz para de pé numa cadeira que não está firme no monte e olha para Yeong-Ja.)

YEONG-JA *(com uma voz levemente artificial)* - Só me resta uma maneira de ganhar de novo o seu respeito: a franqueza, a franqueza absoluta, sejam quais forem as consequências. Essa é a última vez que nós nos vemos e a última vez que nós nos falamos. Eu amo o senhor.

(Moritz desce apressado e desajeitado das cadeiras, corre até a janela e se joga para fora dela.)

5

A vasta imensidão da montanha coberta de neve do último ato do texto dramático Quando Despertarmos dentre os Mortos do norueguês Henrik Ibsen. Yeong-Ja de pé no meio da paisagem branca. Apêndice entra apressada e de óculos escuros, puxando com dificuldade uma mala de rodinhas pela mão, três sacolas de lojas de grife penduradas num braço, uma bolsa na outra e salto alto. Apêndice para a uma certa distância de Yeong-Ja, abre uma das sacolas e espalha sementes douradas na neve. Imediatamente sai após cruzar o espaço. Yeong-Ja observa as sementes por alguns segundos. Ariadne entra pelo mesmo lado que Apêndice tinha entrado e para. Um gansaral com setenta e sete gansos entra pelo lado oposto do de Ariadne e se engalfinha para bicar as sementes. Os gansos saem.

ARIADNE – Ele não teve coragem de vir pra se despedir.

(Yeong-Ja cai em desalento sentada na neve.)

ARIADNE – Só falou três frases.

(Yeong-Ja despeja farelos de neve sobre a sua cabeça.)

ARIADNE – Bosheit ist kein Lebenszweck.

(Yeong-Ja se deixa cair deitada na neve.)

ARIADNE *(com a voz embargada)* – Das kommt...

YEONG-JA *(com uma voz grave e sinistra)* - ...von dumme Witze.

(Ariadne sai correndo chorando pelo lado em que tinha entrado. A neve cai. Silêncio longo.)

YEONG-JA *(praticamente coberta por uma fina neve branca)* – Was geht mich das an?

ENDE